

LÚCIA HELENA GALVÃO

Alógica e a inteligência da vida

*Reflexões filosóficas para
começar bem o seu dia*

PAIDÓS

LÚCIA HELENA GALVÃO

A lógica e a inteligência da vida

*Reflexões filosóficas para
começar bem o seu dia*

Copyright © Lúcia Helena Galvão, 2022
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2022
Todos os direitos reservados.

Preparação: Amanda Moura

Revisão: Matheus de Sá e Fernanda França

Projeto gráfico e diagramação: 3Pontos Apoio Editorial Ltda.

Capa: Anderson Junqueira

Imagem de capa: KSIVA/Shutterstock

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Galvão, Lúcia Helena

A lógica e a inteligência da vida: reflexões filosóficas para começar
bem o seu dia / Lúcia Helena Galvão. - São Paulo: Planeta do Brasil, 2022.
240 p.

ISBN 978-65-5535-902-2

1. Filosofia I. Título

22-4492

CDD 100

Índice para catálogo sistemático:
1. Filosofia



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2022

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Bela Cintra, 986 – 4º andar – Consolação
São Paulo – SP – CEP 01415-002
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

A LÓGICA E A INTELIGÊNCIA DA VIDA

No aeroporto, uma menininha pediu que a mãe abrisse um pacote de M&M's. A mãe, sorridente, atendeu ao pedido e lhe devolveu o pacote aberto, junto com um beijo. Singela e meiga cena. Um dia a menina crescerá, já poderá abrir e até comprar o próprio pacote de M&M's, ou qualquer outra coisa que deseje. Ainda assim, amará a mãe, mas será... um pouco diferente. Chegará um tempo, mais ainda no futuro, em que a mãe já não poderá comprar nem abrir o próprio pacote de M&M's, e a filha abrirá para ela; os sentimentos ainda estarão aí, porém ainda mais diferentes do que na cena anterior: a filha agora tem seus filhos, seu trabalho, as demandas da própria vida... e a mãe terá que achar espaço no meio delas. Um espaço que, em geral, se estreita quando o tempo avança.

Em tudo isso, guardando lugar para as sempre possíveis variações individuais, os sentimentos sofrem transformações previsíveis e “mapeáveis”, até com certa antecedência. É a chamada “dança da vida”, com passos nem sempre tão belos, algumas vezes dolorosos. A impressão é estranha: é como se fôssemos executantes de um software cujo final, um tanto amargo, já conhecemos desde a aquisição do “pacote”.

Quando nos deparamos com um momento como o que estou vivendo hoje, em que um ente querido se vai, algumas vezes a vida nos surpreende com algo não previsto em nenhum software: pessoas sem

qualquer vínculo de sangue, surgem e entram na nossa dor e a dividem conosco pelo simples compromisso com a dor humana. Pessoas que tomam para si a nossa dor e “pagam o preço” daquilo que sentimos, partilhando do nosso sentimento.

Isso me faz pensar na margem de imprevisibilidade dos sentimentos humanos. Parece que existe uma “cota básica” de sentimentos incluída no “pacote vida”. E é a partir do conteúdo dessa cota, que representa apenas o começo, que o sentimento humano envereda por outra lógica, sem algoritmo previsível, numa espiral ascendente, ousada, bela e... humana. Ainda teremos vontade daquele pacote de M&M's, independentemente se podemos adquiri-lo ou abri-lo sozinhos, sem a ajuda de ninguém, mas haverá mais que prazeres e desejos desse pequeno eu, amante de chocolates, de si mesmo e de não muito mais do que isso. Que insólito processo o homem é capaz de desencadear ao desbravar novos circuitos de sensibilidade e necessidade. É como se trouxesse o coração do outro para si. Já não é gratidão, nem convenção e tampouco protocolo social que rege o processo; é pura e simplesmente o coração.

Essa constatação surpreende e dá um novo sabor à vida, aventura à vista. Quem sabe o que ainda virá, quantos corações conseguiremos compactar e incluir dentro do nosso? Aonde as necessidades deles nos levarão? Posso ousar e imaginar o ponto-final deste processo: todos os corações dentro de um, todas as necessidades humanas demarcando o próprio destino, um espaço que se expande quando a vida avança, uma outra lógica... Só o vislumbre dessa possibilidade confere uma nova perspectiva à vida, mais doce que M&M's, um contundente convite ao voo rumo a um céu humano de possibilidades, oportunidade que nenhum aeroporto do mundo poderia simbolizar.

Se é possível nomear esse fenômeno, talvez a melhor definição seja *humanidade*. Esse território inexplorado e belo como um conto de fadas. Acho mesmo que esses contos são diários de viagem de quem andou por aí e quis nos deixar uma trilha, um passaporte. Honra, nobreza, grandes desafios compartilhados, amores eternos...

Onde? Nos caminhos tão pouco explorados do coração humano, quando se abre e se expande para além de qualquer script, por um simples e grandioso ato de amor e de vontade.

Quantos corações conseguiremos
compactar e incluir dentro do nosso?

PAIDÓS

DOIS MUNDOS

O escritor norte-americano Steven Pressfield comenta no livro *A guerra da arte* (2002) que só devemos compartilhar experiências sagradas se elas tiverem alguma utilidade para o crescimento dos demais; portanto, que assim seja!

No passado, passei por um momento particularmente turbulento em que, enredada numa complexidade para a qual não achava saída, minha mente tentou negar a Deus. Foi a mais curiosa e legítima experiência de diálogo interno que já vivi. Algo em mim resistia como um rochedo que nem sequer sente aquilo que se bate contra ele. Era como se uma voz muito firme e segura me dissesse: “Ah, é? Deus não existe? E o que há dentro de você? E à sua volta? Talvez você não esteja segura sobre a própria existência, ou sobre o seu propósito de vida. Sabe quem você é?”

Cheguei à conclusão de que havia um fio tênue que separava o Deus que vivia dentro daquele Deus que vivia fora. Por sinal, eles são o mesmo. Apontei minhas dúvidas na direção correta e procurei entender a natureza e a função desse fio que me guiava!

Então eu me ouvi, compreendi e constatei. O “eu”, ou seja, o endereço da minha consciência naquele preciso momento, não passava mesmo de uma fina linha “carimbada” pelas impressões que eu trouxera dos sentidos externos e povoada de “sei e não sei”, “quero e não quero”, “gosto e não gosto”, os quais, por falta de coisa melhor, faziam o papel da minha identidade.

Constatação feita, medidas possíveis tomadas, passei a observar melhor o mundo à minha volta. Depois de percebê-lo e refletir um

pouco sobre ele, encontrando ali os atributos de Deus, ousei imaginar: se os dois mundos, dentro e fora, são da mesma natureza, será que suas leis, ciclos e necessidades também são equivalentes?

Percebi que há ventanias emocionais dentro de nós, assim como há do lado de fora. Porém, do lado de fora, podemos nos proteger, já no interior, deixamos os ventos arrastarem a nossa consciência violentamente, de um lado para o outro.

Há dias e noites em ambos os mundos; no exterior, quando há luz, trabalhamos e, na escuridão, descansamos. Dentro de nós, a luz emana da sabedoria, mas nossa consciência adormece diante dela e se ativa na escuridão da ignorância.

Enfim, embora também existam estações de plantio e de colheita, não somos capazes de conquistar as sementes de pensamentos universais, os sentimentos elevados, a reflexão própria e o compromisso com a vida que nos dariam um bom plantio e a garantia de uma colheita de maturidade e síntese. Isso causa ansiedade e tristeza, provocamos um verdadeiro acidente ecológico na natureza interior e ficamos surpresos quando ele se alastra pelo mundo afora.

Esse nosso ponto atual de consciência prossegue, ignorando a comunicação dos dois mundos e semeando, de mãos cheias, no mundo interior, os desastres do futuro. Quando eles vierem, procurarão culpados, gritarão e esbravejarão: mais furacões, mais destruições.

Felizes são aqueles que, em silêncio, passo após passo, buscando o equilíbrio sobre esse fio, sabem onde pisam, quem são e a que ou a quem servem!

Há ventanias emocionais dentro de nós, assim
como há do lado de fora. Porém, do lado de fora,
podemos nos proteger, já no interior, deixamos
os ventos arrastarem a nossa consciência
violentamente, de um lado para o outro.

REFLEXÃO DO DIA: UMA OBSERVAÇÃO SOBRE OS NOSSOS SENTIMENTOS

Sabe aquele cachorrinho que, quando você ganha de alguém, acha a coisa mais doce, linda e fofa do mundo, mas, com o passar do tempo, acaba se esquecendo disso e começa a prestar atenção apenas na sujeira, nos latidos, no trabalho que ele dá, na atenção e no carinho que ele demanda, mas que pouco a pouco você deixa de oferecer? Um dia, você recebe um amigo para uma visita e ele diz: “Seu cachorrinho é tão bonito, manso e educado! Parabéns!”. E aí você se lembra de que tem um animalzinho assim e volta a dar valor a ele... Quem nunca viveu algo parecido?

Pois observei que a mesmíssima situação ocorre entre seres humanos. Uma pessoa dedica o melhor da sua energia por muitos anos a uma empresa, uma instituição ou mesmo a um relacionamento afetivo. Passado algum tempo, percebemos certa banalização desse relacionamento, a outra parte passa a valorizar pouco ou sequer enxerga o valor do outro.

Digamos que o nosso protagonista, ele ou ela, comece a fazer algo pela sociedade e seja reconhecido e valorizado pela qualidade do trabalho que faz. Parece que essa apreciação externa “desperta” o antigo parceiro, seja patrão, chefe, marido/esposa, seja quem for.